

Respondo o quê? Avaliação de um programa de ensino em educação sexual para professores

What do I answer? Evaluation of a sexual education teaching program for teachers

¿Qué respondo? Evaluación de un programa de enseñanza en educación sexual para profesores

Carla Elias de Moura

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Foz do Iguaçu/PR – Brasil

Cynthia Borges de Moura

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Foz do Iguaçu/PR – Brasil

Alex Eduardo Gallo

Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina/PR – Brasil

Resumo

Esta pesquisa teve como objetivos avaliar a efetividade de um Programa de Ensino sobre Educação Sexual, para professores do quarto e quinto ano do ensino público fundamental de Foz do Iguaçu – PR, e identificar quais componentes se mostraram mais efetivos na produção de mudanças no nível de conforto e capacidade para trabalhar com educação sexual na faixa etária de 9 a 11 anos. O Programa intitulado “Respondo o quê?” foi elaborado num formato breve, com três horas de duração. Participaram 83 professores, com idade entre 30 e 45 anos, divididos em 20 grupos. Houve mudança estatisticamente significativa quanto ao nível de conforto e capacidade dos professores após o Programa de Ensino, sendo a maior média registrada, tanto antes quanto após o Programa, para o tema gravidez. A menor média registrada pelos professores antes do Programa foi para o tema mudanças corporais na puberdade, que se manteve como a média mais baixa após o Programa. Quanto à avaliação dos componentes do programa, o melhor avaliado foi a técnica Hot Seat (4,77), e os resultados identificados forneceram dados importantes para possíveis reformulações do Programa, com o intuito de auxiliar os profissionais no trabalho com essa temática.

Palavras-chave: Docentes, Programação, Ensino, Educação sexual, Sexualidade

Abstract

The objective of this research was to evaluate the effectiveness of a Sex Education Program applied to fourth and fifth year primary school teachers from Foz do Iguaçu – PR, and to identify which of its components were most effective in producing changes on the level of comfort and ability to work with sex education in the 9 to 11 years age group. The program "What I answer?" was prepared in a short three hour format. There were 83 participants, all of them teachers, aged between 30 and 45 years, divided into 20 groups. There

was a statistically significant change in the level of comfort and capacity of teachers after the Teaching Program, which the highest average recorded both before and after the Program was for Pregnancy, and the lowest average registered by teachers before the Program was for Body changes at puberty which remained the lowest after the Program. Regarding the evaluation of the components of the Program, the Hot Seat technique (4.77) was the best evaluated component and the identified results provided important data for possible reformulations of the Program in order to assist professionals in working with this theme.

Keywords: Teachers, Programming, Teaching, Sexual education, Sexuality

Resumen

Esta investigación tuvo como objetivo evaluar la efectividad de un Programa de Enseñanza sobre Educación Sexual para profesores del cuarto y quinto años de la Enseñanza Pública Fundamental de Foz do Iguaçu - PR e identificar qué componentes se mostraron más efectivos en la producción de cambios en el nivel de confort y capacidad para trabajar con educación sexual en la franja etaria de 9 a 11 años. El programa titulado "¿Qué respondo?" fue elaborado en un formato breve, con tres horas de duración. Participaron 83 profesores, con edad entre 30 a 45 años, divididos en 20 grupos. Se observó un cambio estadísticamente significativo en cuanto al nivel de confort y capacidad de los profesores después del Programa de Enseñanza, siendo que la mayor media registrada tanto antes y después del Programa fue para el tema embarazo. La menor media registrada por los profesores antes del Programa fue para el tema cambios corporales en la pubertad que se mantuvo como la media más baja después del Programa. En cuanto a la evaluación de los componentes del Programa, el componente mejor evaluado fue la técnica Hot Seat (4,77) y los resultados identificados proporcionaron datos importantes para posibles reformulaciones del Programa con el objetivo de auxiliar a los profesionales en el trabajo con esta temática.

Palabras clave: Docentes, Programación, Enseñanza, Educación sexual, Sexualidad

1. Introdução

A sexualidade é um dos aspectos inerentes à vida humana. Apesar disso, falar sobre ela ainda está envolto em preconceitos ou, no mínimo, em constrangimentos. Por receio de lidar com essa temática, muitas vezes, os professores optam pelo silêncio quando alguma situação relacionada à sexualidade adentra os muros da escola. Existem também aqueles que escolhem a imposição dos próprios valores sobre o tema, sem refletir a

respeito da importância de seu papel para a formação de ideias e posicionamento das crianças e adolescentes.

Pesquisas na área apontam a necessidade dos professores quanto à formação continuada em educação sexual e sexualidade (MAISTRO, 2006; GAGLIOTTO, 2009; TUCKMANTEL, 2009; SILVEIRA, 2010; SANTOS, 2011; PANTOJA, 2013; PAZ, 2014; PEREIRA, 2014; SILVA, 2015; GROFF, 2015; ORIANI, 2015; OLIVEIRA, 2016), pois, além de se depararem com manifestações relacionadas à sexualidade dentro da escola, precisam ensinar conteúdos como sistema reprodutor masculino e feminino, modificações corporais durante a puberdade, IST e concepção, inseridos no currículo do ensino fundamental I (MENEGETTI et al, 2015).

A produção específica dos últimos dez anos (de 2007 a 2017) sobre relatos de programas, formações continuadas ou capacitações para professores em temas da sexualidade mostrou baixa produção (em torno de duas pesquisas por ano), das quais 40% envolveram a aplicação do Curso “Gênero e Diversidade na Escola – GDE” (BRASIL, 2009), o qual se concentra na diversidade étnica, sexual e de gênero.

Quanto à avaliação da efetividade dos programas, entendida como a mensuração das mudanças que ocorrem após determinado programa, a fim de determinar sua utilidade para a população-alvo e obter informações para tomada de decisões futuras sobre o programa avaliado (ARRETCHE, 2001; CERDEIRA, 2013), apenas uma proposta (SANTOS, 2011) se caracterizou como tal, ao comparar e analisar estatisticamente os resultados identificados antes e após a capacitação sobre abuso e exploração sexual.

O presente estudo se situa num contexto de uma sequência de pesquisas na área, com alunos e professores de quarto e quinto ano do ensino fundamental em Foz do Iguaçu-PR. Tem-se optado por trabalhar com os professores desses anos, porque, em geral, é a partir do quinto ano que temas como sistema reprodutor, modificações corporais na puberdade e concepção aparecem nos livros didáticos (DREYER, 2014; MENEGETTI et al, 2015). E se, até então, se esquivavam do assunto, nessas séries não podem mais fazê-lo.

Mantovani et al, (2014) partiram da prática com crianças durante aulas de educação sexual e analisaram as dúvidas sobre sexualidade que os alunos depositavam na “caixa de perguntas”, para que os professores respondessem. Identificou-se que as mais frequentes, entre 9 e 11 anos, eram sobre gravidez, mudanças corporais, sistemas reprodutores e menstruação. Paralelo a esse estudo, Dreyer (2014) levantou junto aos professores os temas provenientes dos questionamentos das crianças considerados difíceis de serem respondidos. Foram eles: homossexualidade, masturbação e violência sexual, ato sexual, camisinha, gravidez e aborto.

Meneghetti et al (2015) investigaram as principais dificuldades, crenças e atitudes relatadas pelos professores do quinto ano para implementação da educação sexual em sala de aula. As autoras identificaram que os temas que geravam mais desconforto eram sexo oral, sexo anal, masturbação, prazer sexual e orgasmo. Embora tenham entrevistado professores da referida faixa etária, elas não questionaram se essas dificuldades são específicas das séries escolares nas quais lecionam.

A presente pesquisa propôs, a partir dos resultados dos estudos citados, um Programa de Ensino sobre Educação Sexual, para professores do quarto e quinto ano do ensino fundamental I, da cidade de Foz do Iguaçu – PR, e o avaliou quanto a sua efetividade na produção de mudanças no nível de conforto e capacidade, necessários para ministrar esse conteúdo nos anos iniciais, na faixa etária de 9 a 11 anos.

2. Método

A pesquisa foi realizada com os professores do quarto e quinto anos do ensino fundamental I, que atuam nas 51 escolas públicas do município de Foz do Iguaçu-PR. Todos os professores do quarto e quinto anos foram convidados a participar voluntariamente do estudo (250, segundo dados da Secretaria Municipal de Educação, no ano de 2017).

Os professores foram esclarecidos individualmente a respeito da pesquisa e receberam o instrumento pré-programa, que era composto por dados sociodemográficos, questões abertas sobre os conceitos de sexo e sexualidade, quais as perguntas não saberiam responder caso indagados pelos

alunos e oito situações-problema sobre os seguintes temas: relação sexual, diferenças entre corpo masculino e feminino, gravidez e mudanças corporais na puberdade. Os professores avaliavam sua capacidade em dar uma resposta similar ao modelo apresentado e seu grau de conforto para apresentar o mesmo tipo de resposta. Isso era feito pontuando-se em uma escala *likert* de 1 a 5 (na qual 1 se referia a nenhuma capacidade/nenhum conforto e 5 a bastante capaz/muito confortável em apresentar resposta similar ao modelo).

O instrumento pré-programa era preenchido e devolvido pelos professores que concordassem em participar. Foram recolhidos 59% dos instrumentos nas escolas visitadas, sendo a amostra final composta por 83 respondentes (33% da população), a maioria do sexo feminino (96%), entre 30 e 40 anos (30%), com pós-graduação concluída (51%) e até 10 anos de magistério (51%).

Os participantes foram distribuídos em grupos de até 15 pessoas, para a etapa de aplicação do Programa de Ensino intitulado “Respondo o quê” (três horas de duração), conforme disponibilidade de cada um. Os grupos do Programa de Ensino “Respondo o quê?” foram conduzidos por facilitadores, que se alternavam no papel de coordenador principal e auxiliar. A estrutura do Programa está descrita no Quadro 1 e se baseou na técnica *role playing*, denominada, nesta pesquisa, como *Hot Seat*, por ser um procedimento estruturado que proporciona o ensino ativo de habilidades próximas às necessárias na situação real.

Quadro 1. Descrição da estrutura do Programa de Ensino “Respondo o quê?”

<p>Etapa 1 – Não tem um coelho nesta cartola! - Apresentação do Programa de Ensino e seus Participantes / Duração: Aprox. 30 min.</p>
<p>Objetivo: Apresentação do formato do programa e dos conceitos que serão trabalhados; Apresentação dos participantes por meio da dinâmica da cartola.</p> <p>Desenvolvimento: Uma cartola de mágico contendo cartões com as seguintes palavras: <i>sexo oral, sexo anal, ejaculação, masturbação, orgasmo, pênis, vulva, gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis, homossexualidade, Aids, abuso sexual</i> e <i>transar</i> é passada por todos os participantes, para que sorteiem uma palavra.</p> <p>Concomitantemente, o coordenador explicava o motivo de utilizar uma cartola: em muitas ocasiões, os professores são surpreendidos com perguntas de seus alunos ou presenciavam situações e têm que “retirar da cartola” a melhor solução/explicação possível. Podem se surpreender com o conteúdo e ter que lidar com o que lhes é apresentado, utilizando o que conseguem pensar naquele momento.</p> <p>Na sequência, o coordenador solicitava que cada um dissesse seu nome, a palavra que pegou na cartola e o quanto se sentiria confortável para abordar este tema com seus alunos de 9 a 11 anos. O nível de conforto/desconforto era identificado por placas de sinalização entregues nas seguintes cores: vermelho = muito desconfortável; amarelo = com certo desconforto; verde = muito confortável/ nem um pouco desconfortável.</p> <p>Após as apresentações, era solicitado aos participantes que refletissem por um momento, que informações sobre sexualidade receberam em sua vida, de quem, como se sentiram, se achavam que havia sido algo positivo ou não. Informava-se que a reflexão não precisava ser exposta ao grupo, para não ocasionar constrangimentos, servindo apenas para levar os participantes a perceber o quanto suas vivências pessoais podem influenciar o modo como lidam com a sexualidade de seus alunos.</p>
<p>Etapa 2 – Apresentação dos Conceitos de sexualidade, sexo, gênero e educação sexual – etapa teórica realizada pelos coordenadores. Duração: Aprox. 30 min.</p>
<p>Objetivo: Discutir os conceitos sexualidade, sexo e educação sexual, para esclarecer conceitos e dirimir dúvidas.</p> <p>Desenvolvimento: Inicialmente, solicitava-se que os participantes escrevessem uma palavra que os remetesse ao termo sexualidade, e ao termo sexo, pedindo para que cada um colasse no quadro a palavra escrita e explicasse brevemente por que a havia selecionado. Os coordenadores esclareciam que a sexualidade é algo inerente ao ser humano, que é muito mais amplo do que o ato sexual em si, envolvendo diversos aspectos. Apresentava-se, por meio de recurso multimídia (vide <i>slides</i> em anexo), as duas definições possíveis para sexo, sendo elas órgão biológico e o ato sexual em si. Para encerrar, explanava-se sobre educação sexual, modalidades formal e informal, vantagens de realizá-la e quando iniciá-la.</p>
<p>Etapa 3 – Realização do “Hot Seat” – Treino de respostas às perguntas que podem ser feitas por alunos de 9 a 11 anos, por meio da técnica <i>role playing</i>. Duração: Aprox. 2 a 3h.</p>
<p>Objetivo: Treinar por meio do <i>role playing</i> possíveis respostas para as situações-problema apresentadas.</p> <p>Desenvolvimento: A técnica “Hot Seat” (Cadeira Quente) consistiu na apresentação de algumas perguntas que poderiam ser feitas por alunos entre 9 a 11 anos para treino direto das respostas. Sorteava-se dois professores e, em seguida, apresentava-se no <i>slide</i> a pergunta da vez. O primeiro deveria responder ao grupo</p>

como responderia ao seu aluno ou classe. O segundo debatia a resposta do primeiro, no sentido de aperfeiçoá-la. Em seguida, a coordenadora apresentava uma proposta de resposta adequada ao grupo.

Foi utilizado recurso multimídia em forma de *slides* para trabalhar os temas selecionados. Puderam ser trabalhados até cinco temas dentro dessa carga horária. As temáticas apresentadas no modelo foram: *diferenças entre corpo feminino e corpo masculino*, em que se apresentou a nomenclatura adequada para se referir aos órgãos sexuais externos; *mudanças corporais na puberdade*, no qual se treinou respostas às seguintes perguntas: “O que é menstruação?”, “O que é poluição noturna?”, “O que é ejaculação?”; *relações sexuais*, com as perguntas “O que é sexo?”, “Eu posso fazer sexo?”; e *gravidez*, com as perguntas “Como é que o bebê entra na barriga da mãe?”, “Como que o bebê nasce?”. Apresentava-se o livro “Zezinho – o Espermatozoide”¹, como recurso auxiliar para as explicações sobre esses temas, para essa faixa etária.

Etapa 4 – Avaliação do Programa

Realizou-se uma avaliação escrita ou oral dos temas abordados e da aprendizagem ocorrida e se selecionaram outros temas para uma próxima aplicação do mesmo formato do programa (caso se pretenda continuar).

Ainda na Etapa 4, foi reaplicado o mesmo instrumento inicial para comparação dos dados e um instrumento de avaliação do fim de avaliar os componentes do Programa de Ensino. A adaptação utilizada para esta pesquisa foi composta por sete questões fechadas e uma aberta. Nas primeiras, o professor era solicitado a responder em uma escala de 1 a 5, na qual 1 indicava insatisfação com o procedimento e 5 satisfação máxima com o procedimento ou orientação recebida. A última pergunta se referia a sugestões para possíveis adequações do Programa de Ensino.

Este estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Unioeste (CEP/Unioeste), tendo sido aprovado em novembro de 2016, sob o parecer de número 1.838.310.

3. Resultados

A análise de conteúdo proposta por Bardin (1977) foi usada para categorização das questões abertas. As respostas dos professores foram divididas em unidades de análise e categorizadas segundo critérios definidos

¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fiEmrgBPREQ&t=15s>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

de acordo com o tema abordado. As respostas foram também quantificadas em termos de frequência e porcentagem² em cada categoria.

A Tabela 1 mostra as categorias e respectivos percentuais de resposta, antes e após o Programa de Ensino, para a pergunta sobre o que é sexo.

Tabela 1. Frequência e porcentagem de respostas por categoria para a pergunta o que é sexo antes e depois do programa

CATEGORIAS CRITÉRIOS (Respostas relacionadas a...)	EXEMPLOS DE RESPOSTAS	PRÉ FREQ. (%)	PÓS FREQ. (%)
Ato sexual Sexo como sinônimo da relação sexual.	“Sexo também significa uma relação íntima entre casais”; “Pode estar relacionado ao ato sexual”; “Onde há junção do órgão genitor masculino e feminino ou dos órgãos genitores não necessariamente pênis/vagina”; “Relação sexual”; “Ato sexual”.	71 (31%)	95 (44%)
Sentimento/Prazer Sentimentos, satisfação, prazer, intimidade e afeto atribuídos ao sexo.	“Que tem como objetivo o prazer”; “Dar e sentir prazer”; “Satisfação”; “Desejo”; “Satisfação da libido”; “O sexo é relacionado ao gozo”.	48 (21%)	24 (11%)
Sinônimo de gênero³ Aspectos sociais, biológicos e de orientação sexual.	“Ao gênero socialmente definido”; “Podendo ser discriminado em gênero sexual”; “Relacionado a gênero”; “Definição de gênero”; “Distinção de gêneros”; “O sexo pode ser visto como gênero”; “Pode ser classificação de gênero”; “Masculino e feminino”; “Macho e fêmea”.	46 (21%)	64 (29%)
Corpo Sexo como aspecto do desenvolvimento, conhecimento do corpo, mudanças corporais, puberdade, aspectos fisiológicos.	“São as características estruturais e funcionais que definem um ser como”; “Em matéria de biologia, se refere a uma condição orgânica”; “O desenvolvimento normal”; “Características corporais que deferem numa espécie”; “O sexo em si é a definição do ser humano”; “São as características”; “É o conjunto de características estruturais e funcionais”; “É a diferença física entre o corpo do homem e da mulher”.	28 (12%)	16 (7%)
Inerente ao ser humano Sexo como algo natural, função reprodutiva, instintiva e ligada às	“É tudo o que nosso corpo tem de necessidade fisiológica”; “O nosso corpo expressa essa necessidade”; “E também como necessidade fisiológica”; “Que	26 (11%)	4 (2%)

² Foram excluídas categorias cuja porcentagem ficou abaixo de 10%. Por essa razão, os percentuais não somam 100% neste artigo.

³ É importante ressaltar que o nome da categoria não leva em conta apenas o caráter social atribuído ao termo gênero, conforme apresentado neste trabalho, porque se percebeu que os respondentes utilizavam a terminologia sexo como sinônimo de gênero, no sentido masculino/feminino.

necessidades fisiológicas dos indivíduos.	permite a continuação da espécie”; “Reprodução humana”.		
---	--	--	--

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Na Tabela 1, é possível verificar que a categoria *Ato sexual* foi a que obteve mais respostas, tanto antes do programa (31%) quanto após o Programa de Ensino (44%), ou seja, a maioria das respostas define sexo como sinônimo da relação sexual propriamente dita.

A Tabela 2 mostra as categorias e os percentuais de resposta, antes e após o Programa de Ensino, sobre o que é sexualidade para os participantes.

Tabela 2. Frequência e porcentagem das respostas por categorias para a pergunta o que é sexualidade antes e depois do programa

CATEGORIAS CRITÉRIOS (Respostas relacionadas a...)	EXEMPLOS DE RESPOSTAS	PRÉ FREQ. (%)	PÓS FREQ. (%)
Sentimento/Prazer Sentimentos, satisfação, prazer e afeto.	“É sensualidade”; “Erotismo”; “É a atração que um ser humano sente pelo outro”; “Engloba sentimentos”; “Afetos”; “Envolve emoções”; “Uma delas seria necessidade de dar e receber sensações prazerosas”; “A descoberta das partes do corpo que lhe dão prazer”; “Desejo sexual”.	72 (28%)	92 (35%)
Corpo Desenvolvimento, conhecimento do corpo, mudanças corporais, puberdade, aspectos fisiológicos.	“Na minha concepção, trata-se de conhecer seu próprio corpo”; “Descoberta”; “Exploração do próprio corpo”; “É o ato de se conhecer e de se aceitar como é”; “Momento de mudanças em cada faixa etária”; “Descoberta de sensações”.	46 (18%)	59 (22%)
Sexualidade inerente ao ser humano e suas necessidades Sexualidade como algo natural, função reprodutiva, instintiva e ligada às necessidades fisiológicas dos indivíduos.	“Instinto sexual”; “Instinto natural dos animais”; “É algo natural”; “É a continuação das espécies”; “É algo inerente a todos os seres humanos”; “Parte primordial da vida de todos os seres vivos”; “É uma necessidade do ser humano”; “Ou simplesmente para satisfazer as necessidades do corpo”; “Sexualidade é uma das funções e necessidades básicas do corpo humano”.	31 (12%)	19 (7%)
Sexualidade como algo amplo Abrangência do tema.	“A sexualidade se estende a todos os âmbitos de conhecimento”; “A sexualidade engloba inúmeros fatores”; “E não há uma definição única, absoluta”; “É um termo bem abrangente”; “É um termo amplo”; “Para mim, a sexualidade não tem uma definição apenas”.	27 (10%)	16 (6%)
Sexualidade como comportamento Comportamento humano, suas ações, gestos e atitudes.	“É um conjunto de comportamentos”; “A sexualidade são comportamentos humanos”; “Nossas ações”; “Atitudes”; “Modo de se expor”; “Gestos”.	26 (10%)	30 (11%)

Aspectos individuais/pessoais Sexualidade como um aspecto idiossincrático.	“É individual”; “Onde cada pessoa reconhece como tal, seja mulher ou homem”; “Faz parte da personalidade de cada um”; “São traços íntimos”; “Que se desenvolve de maneira diferente em cada um”; “A sexualidade é a maneira como o indivíduo se percebe perante as outras pessoas”.	25 (10%)	20 (8%)
--	---	-------------	------------

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Como se pode visualizar na Tabela 2, a maioria das unidades de resposta referente à pergunta “O que é sexualidade?” está dentro da categoria *Sentimento/Prazer*. Na avaliação pré-Programa de Ensino, a porcentagem foi de 28% e, na avaliação pós, aumentou para 35% das respostas.

A categoria com a segunda maior frequência de unidades de resposta foi *Corpo* (sexualidade ao desenvolvimento e conhecimento do corpo, puberdade e aspectos fisiológicos), que na avaliação pré, obteve 18% das respostas e, no pós, subiu para 35%. Em terceiro, na avaliação pré, ficou a categoria *Sexualidade inerente ao ser humano e suas necessidades*, com 12%. Após o programa, a categoria *Sexualidade como comportamento* ficou em terceiro lugar, com 11%.

A Tabela 3 apresenta as categorias e respectivos percentuais de resposta, antes e após o Programa de Ensino, para a questão “Descreva perguntas que você não saberia, ou se sentiria constrangido para responder sobre sexualidade, caso fossem feitas por alunos entre 9 e 11 anos”.

Tabela 3. Frequência e porcentagem de respostas por categoria sobre as perguntas constrangedoras antes e depois do programa

CATEGORIAS CRITÉRIOS	EXEMPLOS DE RESPOSTAS	PRÉ FREQ. (%)	PÓS FREQ. (%)
Ato Sexual Assuntos que se associam a com a relação sexual, penetração, coito, prazer sexual, atos de carinho, sexo oral/anal.	“Minúcias do ato sexual”; “O que é sexo?”; “Como acontece o sexo?”; “Transa – em que momentos devemos transar?” “Perguntas relacionadas a posições de atividades sexuais”; “O que é ato sexual?; “O que é sexo oral?; “O que é sexo anal?”.	42 (23%)	23 (18%)
Facilidade em abordar o tema Respostas nas quais o professor afirma não ter constrangimento para falar com os alunos sobre sexualidade.	“Não me sentiria constrangida quanto a qualquer pergunta sobre sexualidade”; “...ainda não tive dificuldades com as perguntas apresentadas até o momento”; “Já passei por diversas situações em que a questão da sexualidade foi levantada, não encontrei dificuldades ou constrangimento em respondê-las”; “Nenhuma”.	31 (17%)	9 (7%)

Comportamento sexual Respostas sobre masturbação, ejaculação, ereção, orgasmo.	“O que é masturbação?”; “Questões relacionadas à masturbação”; “O que é gozar?”; “O que é ejaculação?”; “O que é ereção?”; “Como se tem orgasmo?”; “Como sentirei prazer?”	21 (12%)	34 (27%)
--	--	-------------	-------------

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Observa-se que, na avaliação pré, as perguntas mais constrangedoras se relacionaram ao tema *Ato sexual* (23%), enquanto, após o Programa de Ensino, passaram para a categoria *Comportamento Sexual* (27%). Outro aspecto verificado se refere à categoria *Higiene, mudanças corporais, diferenças físicas e comportamentais*, que, na avaliação pré, obteve 9% das respostas, e, após o programa, nenhuma resposta foi identificada. Provavelmente, isso tenha ocorrido em função de os temas dessa categoria (mudanças corporais, menstruação, diferenças entre pênis e vulva) fazerem parte do Programa de Ensino.

Quanto às situações-problema, os resultados foram analisados estatisticamente, optando-se pela aplicação do Teste T, de comparação entre amostras dependentes. O índice de significância adotado foi de 0,05 (índice aceitável para pesquisas em ciências sociais). Tanto o nível de conforto quanto o de capacidade para todas as situações-problema se modificaram de forma significativa⁴ após o programa, ou seja, os resultados de *p* foram inferiores a 0,05 para todas as comparações antes e depois do programa.

Os mesmos resultados foram analisados descritivamente, comparando-se a porcentagem de participantes que assinalaram cada uma das cinco alternativas da escala *likert* apresentada para a análise das situações-problema, antes e após o Programa de Ensino, a fim de identificar o aumento ou redução do número de participantes que mudaram sua avaliação quanto à capacidade e conforto.

A Figura 1 apresenta os resultados percentuais para cada nível de conforto e capacidade referente ao tema relações sexuais, antes e após o Programa de Ensino.

⁴ *P*= nível de significância. Resultado estatisticamente significativo: *p*= <0,05.

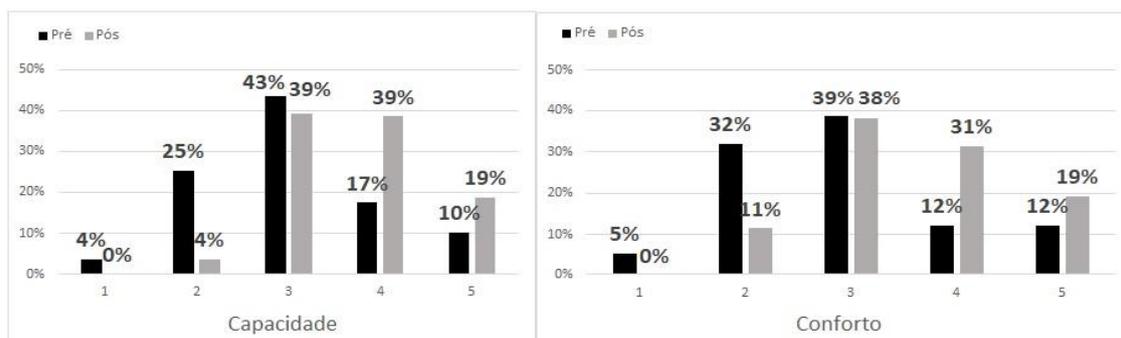


Figura 1. Porcentagem de participantes que pontuaram sobre as situações do tema relações sexuais antes e após o programa

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Na Figura 1, é possível visualizar que 25% dos respondentes optaram pela alternativa 2, que se refere à condição de pouco capaz, na avaliação pré-programa. Após o programa, apenas 4% dos participantes utilizaram a mesma resposta, diminuição de 21% do pré em relação ao pós.

Ainda quanto à capacidade, a maior diferença ocorreu na alternativa 4 (bem capaz). Antes do programa, apenas 17% dos participantes assinalaram e, após, 39%, um aumento de 22%.

Quanto ao nível de conforto, a alternativa 2 (pouco confortável) foi escolhida por 32% dos respondentes antes do programa e, após, por 11%, uma diminuição de 21%. Já a alternativa 4 (bem confortável) foi assinalada por 12%, na avaliação pré-programa, e, no pós, por 31%, aumento de 19%.

A Figura 2 mostra os resultados percentuais para cada nível de conforto e capacidade referente ao tema diferenças entre corpo masculino e feminino, antes e após o Programa de Ensino.

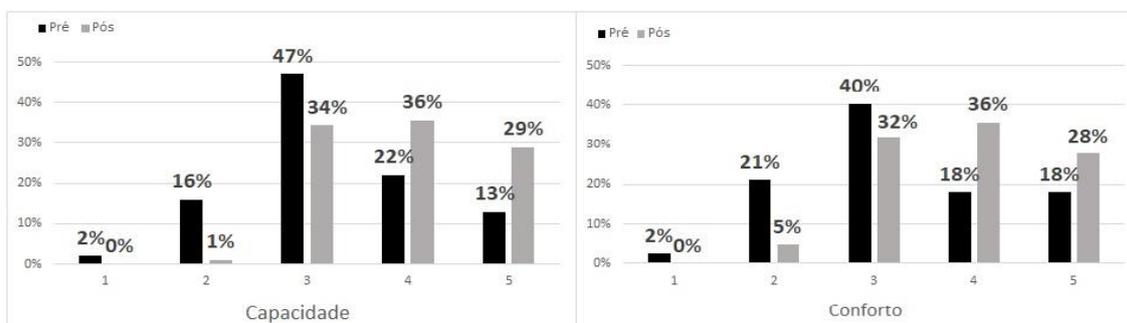


Figura 2. Porcentagem de participantes que pontuaram sobre as situações do tema diferenças entre corpo masculino e feminino antes e após o programa

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

É possível identificar, na Figura 2, que, no critério capacidade na temática diferenças entre corpo masculino e feminino, houve uma amplitude acima de 10% nos itens 2 (pouco capaz), 3 (suficiente), 4 (bem capaz) e 5 (muito capaz), (15%, 13%, 14% e 16%, respectivamente). Enquanto isso, no critério conforto para as situações envolvendo as diferenças entre corpo masculino e feminino, verifica-se que, na avaliação pré-programa, 21% dos respondentes assinalaram a alternativa 2 (pouco confortável) e, após o Programa de Ensino, essa mesma alternativa reduziu para 5%, apresentando uma diferença de 16%. Já a alternativa 4 (bem confortável) foi escolhida por 18% dos participantes, antes da capacitação, e apresentou um aumento de 18%, após o Programa de Ensino, passando para 36% de respostas.

A Figura 3 apresenta os resultados percentuais para cada nível de conforto e capacidade referente ao tema gravidez, antes e após o Programa de Ensino.

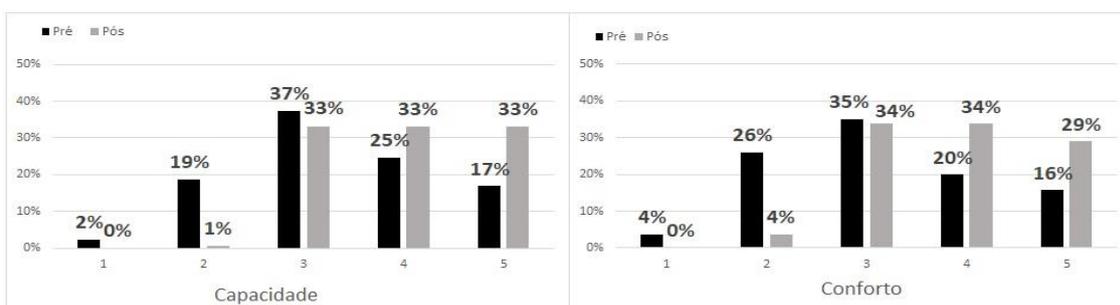


Figura 3. Porcentagem de participantes que pontuaram sobre as situações do tema gravidez antes e após o programa

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Na Figura 3, verifica-se que a alternativa 2 (pouco capaz) foi apontada por 19% dos respondentes, antes de participarem do Programa de Ensino. Essa mesma alternativa reduziu para apenas 1% após capacitação, apresentando uma diminuição de 18%. Quanto à alternativa 5 (muito capaz), a Figura 5 mostra que, antes da capacitação, apenas 17% dos professores selecionaram essa alternativa e, após o Programa de Ensino, 33% dos participantes assinalaram essa resposta, com 16% de aumento.

No que tange ao critério conforto para o tema gravidez, a alternativa 2 (pouco confortável) foi indicada por 26% dos respondentes, na avaliação pré-programa, e reduziu para 4% de respostas, após capacitação, mostrando uma

diminuição de 22%. Já a alternativa 4 (bem confortável) foi selecionada por 20% dos participantes, antes do Programa de Ensino, e passou para 34% após a capacitação, apresentando um aumento de 14%.

A Figura 4 apresenta os resultados percentuais para cada nível de conforto e capacidade referente ao tema mudanças corporais na puberdade, antes e após o Programa de Ensino.

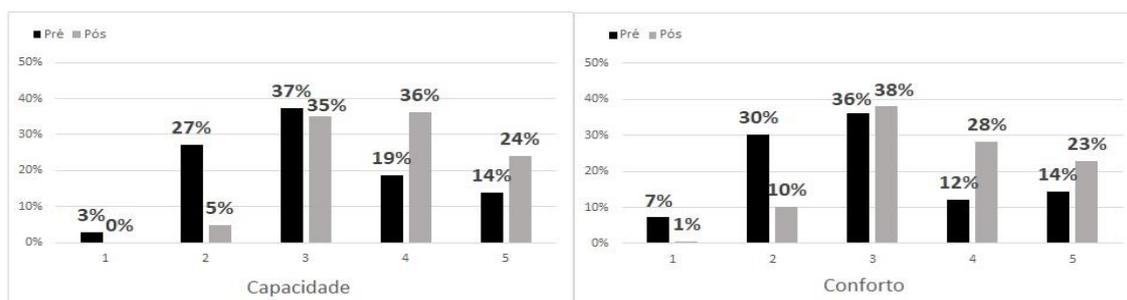


Figura 4. Porcentagem de participantes que pontuaram sobre as situações do tema mudanças corporais na puberdade antes e após o programa

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

É possível visualizar, na Figura 4, que a alternativa 2 (pouco capaz) obteve 27% das respostas, antes da capacitação, e reduziu para 5%, após o Programa de Ensino, ou seja, uma diferença de 22%. Já a alternativa 4 (bem capaz) foi selecionada por 19% dos participantes, na avaliação pré-programa, e, após a capacitação, foi assinalada por 36% dos respondentes, mostrando um aumento de 17%.

A Tabela 4 apresenta a média dos escores atribuídos pelos participantes a cada componente na avaliação do programa, em ordem decrescente de avaliação quanto à satisfação com o procedimento empregado.

Tabela 4. Médias e desvios-padrão dos escores atribuídos aos componentes do Programa de Ensino “Respondo o quê?”

Componentes	Média	Desvio-Padrão
Treinamento <i>hot seat</i>	4,77	0,423
Explicações sobre corpo masculino e feminino	4,66	0,547
Explicações sobre relações sexuais	4,58	0,587
Explicações sobre gravidez	4,57	0,609
Avaliação geral do programa	4,57	0,553
Recursos audiovisuais quanto à quantidade e qualidade	4,52	0,571

Explicações sobre mudanças corporais na puberdade	4,48	0,571
Carga horária	4,42	0,566

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Pode-se visualizar, na Tabela 4, que todos os componentes do Programa de Ensino “Respondo o quê?” foram bem avaliados, com nota acima de 4, que se refere à classificação Bom. O componente cuja média obteve menor valor foi a carga horária do programa (4,42), e o que obteve a melhor avaliação foi a técnica *Hot Seat* (4,77).

4. Discussão

Conforme já dito, este estudo teve como objetivo propor um Programa de Ensino sobre Educação Sexual para professores e avaliar sua efetividade quanto à produção de mudanças indicadoras de melhora no nível de conforto e capacidade para ministrar conteúdos relacionados a essa temática nos anos finais do ensino fundamental. Elaborou-se um Programa de Ensino com uma proposta diferenciada em termos de custo/benefício. Sabe-se que esse tipo de programa tende a produzir mudanças no conhecimento (SANTOS, 2011; ALVAREZ; PINTO, 2012; CARVALHO, 2015; CORTEGOSO; COSER, 2016), porém. O foco desta proposta era oferecer um modelo enxuto, focal, que, além de conhecimento, promovesse o treino de comportamentos e de habilidades para trabalhar o assunto com crianças, a partir da técnica *role playing*.

Pesquisas de programas de ensino em outras áreas há muito tempo mostram que, além do uso de instruções verbais e provisão de material escrito (como o uso de manuais), a modelação de habilidades ao vivo, por meio de técnicas de *role playing* e *feedback* imediato da prática orientada, produz efeitos maiores e mais duradouros (THOMAS, 2005; CARVALHO, 2015).

Segundo revisão de pesquisas na área de programação de ensino, quanto mais o procedimento empregado for estruturado, permitir alta integridade da intervenção, proporcionar o ensino ativo de habilidades e estiver baseado em um conjunto consistente de pressupostos teóricos, maior a probabilidade de alcançarem resultados positivos (NELSON; WESTHES; MACLEOD, 2013; CARVALHO, 2015; CORTEGOSO; COSER, 2016).

Por esse motivo, a estruturação do programa “Respondo o quê?” baseou-se na técnica de *role playing*, que apresenta as características elencadas acima. Vários autores a consideram como de primeira escolha para o ensino de comportamentos relevantes (SOUZA; ORTI; BOLSONI-SILVA, 2012). Trata-se de uma técnica de simulação, na qual os participantes são convidados a interpretar papéis específicos, dentro de um determinado contexto, visando a uma aproximação com a situação real, de modo a treinar o comportamento em questão (RABELO; GARCIA, 2015). No Programa de Ensino “Respondo o Quê?”, atribuiu-se o nome de *Hot Seat* para esse recurso, já consagrado na literatura.

Diante de tais considerações e tendo em vista os objetivos do presente estudo, pode-se afirmar que os principais achados desta pesquisa foram:

1) O Programa de Ensino “Respondo o quê?”, da forma como foi estruturado, mostrou-se efetivo para produzir mudanças no nível de conforto e capacidade dos participantes.

Os resultados apresentados na pesquisa mostraram que as médias das avaliações de conforto quanto de capacidade nas situações-problema aumentaram significativamente após o programa. A maior média registrada antes do programa (3,64) foi para a avaliação da capacidade na situação-problema sobre **gravidez** e, após o programa, esse mesmo componente obteve a maior média (4,16). O componente com a menor média antes do programa (2,46) foi o nível de conforto para a situação-problema sobre **mudanças corporais na puberdade**. Após o programa, esse mesmo componente continuou sendo o de menor média (3,31). A análise estatística mostrou que essas e as outras diferenças entre as avaliações pré e pós foram altamente significativas para todas as situações-problema analisadas, ou seja, o programa foi altamente efetivo para produzir as mudanças comportamentais desejadas.

2) O programa, da forma como foi proposto, teve impactos positivos nos conceitos sobre sexo e sexualidade dos participantes.

A análise de conteúdo que verificou os conceitos de sexo e sexualidade para os participantes mostrou que o termo sexo é de fácil compreensão para os professores. Eles o relacionaram ao **ato sexual**, tanto antes quanto após o

programa, embora, ao final, a compreensão de sexo como **sinônimo de gênero** tenha aumentado de frequência e, como **sentimento/prazer**, tenha continuado, ainda que enfraquecido.

Quanto ao conceito de sexualidade, percebeu-se que os professores traziam concepções corretas, identificando-as como relacionadas aos sentimentos, satisfação, prazer, afeto, valores e sexo, assim como ao desenvolvimento, conhecimento do corpo e suas mudanças, puberdade e aspectos fisiológicos. Após o programa, esse conhecimento foi fortalecido, tendo aumentado a frequência de ocorrência na análise das respostas.

3) Os temas das perguntas que os professores teriam dificuldade ou se sentiriam constrangidos em responder mudou qualitativamente após o programa.

As dificuldades iniciais dos professores eram com perguntas sobre **ato sexual**, o que diminuiu após o programa. Isso provavelmente pode ter ocorrido em função de esse ter sido um dos conteúdos abordados. Em contrapartida, após o Programa de Ensino, a categoria **comportamento sexual** (que envolve masturbação, ejaculação, orgasmo e ereção) passou a ser o tema considerado difícil. Ou seja, apesar de o Programa de Ensino ter abordado como responder perguntas sobre masturbação, polução noturna e orgasmo, ainda assim permaneceram dificuldades e/ou constrangimentos para tratar desses temas ao final do programa. Não é possível afirmar por que se obteve esse resultado. Muito provavelmente, o programa, ao propor o tema, tenha levado alguns participantes a se preocuparem com questões que não haviam considerado antes.

Dificuldade com esse tema também foi identificada na pesquisa de Belo (2012), que comparou professores canadenses e portugueses quanto ao nível de conforto para trabalhar determinados temas em educação sexual. Os itens masturbação, comportamento sexual, prazer sexual e orgasmo foram os que obtiveram médias próximas a nada confortável, embora o nível de conhecimento quanto a essas três temáticas fosse mediano.

Esses dois achados em conjunto indicam que possuir informação/obter o conhecimento sobre um tema pode não ser suficiente para eliminar o

constrangimento em abordá-lo com os alunos (PAES; FAVORITO; GONÇALVES, 2015).

4) Todos os componentes foram bem avaliados como responsáveis pelo resultado da aprendizagem proporcionada pelo programa, com destaque para a técnica de *role playing*.

Os resultados do questionário de avaliação do programa evidenciaram que o uso da técnica *Hot Seat* foi o componente melhor avaliado pelos professores, obtendo média de 4,77. Isso indica que os professores a avaliaram como altamente adequada para o treinamento, talvez pelo seu formato mais dinâmico e interativo, diferente do modelo convencional de “palestra” ou mera exposição de conteúdos.

No que diz respeito aos temas trabalhados, o melhor avaliado foi **corpo masculino e feminino** (4,66). Já o componente carga horária obteve a menor média (4,42), tendo sido sinalizada pelos participantes a necessidade de mais horas no Programa, a fim de abranger outros temas. Outros Programas de Ensino sobre sexualidade propuseram carga horária superior à do Programa Respondo o quê?. Considerando que um dos objetivos do presente estudo era avaliar o seu formato, ou seja, a aplicação da técnica *role playing (Hot Seat)*, num curto espaço de tempo e com foco temático, considera-se que esse resultado não enfraquece sua efetividade, pois outros resultados deste estudo mostraram que esse formato pode ser replicado, abordando outros temas em sexualidade com professores.

Verificou-se que, apesar de todos os componentes do programa terem sido bem avaliados (com notas superiores a 4, em uma escala de 1 a 5), o menor efeito identificado foi quanto ao tema **mudanças corporais na puberdade** (4,48). Verificou-se coesão quanto a esse resultado, tanto na avaliação do programa, quanto no instrumento de avaliação pré e pós, tendo em vista que as menores médias foram atribuídas para esse tema.

Por ser uma pesquisa pioneira na área, pois não foram localizados estudos brasileiros similares, nem no que diz respeito ao formato metodológico de avaliação da efetividade, nem quanto ao uso do *role playing* como técnica principal de ensino, as contribuições são ainda incipientes. Porém, a avaliação realizada permitiu identificar que o formato proposto foi efetivo na produção de

mudanças comportamentais facilitadoras da condução da educação sexual pelos professores.

Com a identificação das respostas dos participantes à intervenção e da relação delas com os procedimentos implementados, foi possível também compreender melhor o processo de aprendizagem promovido por meio de um Programa de Ensino cuidadosamente programado.

Abaixo, estão apresentadas algumas diretrizes para a elaboração de programas de ensino em educação sexual, baseadas nas evidências produzidas por esta pesquisa. São elas:

- 1) O repertório inicial dos participantes, ou seja, quais os temas de interesse, dificuldade, constrangimento ou falta de conhecimento devem ser definidos previamente. Para que o programa seja efetivo, deve atender às necessidades do público-alvo, de modo a oportunizar a aprendizagem de temas específicos para os quais os participantes demonstram interesse, relatam dificuldades em lidar ou trabalhar. O levantamento do repertório inicial dos participantes permite, além do planejamento da intervenção, um parâmetro de comparação para avaliar os resultados do programa proposto.
- 2) A estruturação prévia do programa permite a condução por vários facilitadores ao mesmo tempo. Uma descrição pormenorizada dos procedimentos a serem empregados parece dispensar o treino extensivo para os facilitadores, pois a aplicação do programa, elaborado dessa forma, necessita apenas de algum conhecimento sobre a técnica principal, o *role playing*, e uma padronização prévia do conteúdo a ser abordado.
- 3) A estruturação do programa permite a inclusão ou troca dos temas em debate, mantendo-se o *role playing* como estratégia principal. A pesquisa mostrou excelente custo/benefício do uso da técnica de *role playing* como uma ferramenta facilitadora no processo de aprendizagem. Entre seus efeitos, reforça-se a aprendizagem por meio da ação, com a simulação de problemas e sua resolução, sendo uma alternativa viável para modelar comportamentos relevantes (SOUZA; ORTI; BOLSONI-SILVA, 2012; QUIRINO, 2013). Uma vez que os participantes sinalizaram a necessidade de mais carga horária, o que se sugere é que o modelo proposto seja

replicado em outros momentos, com novos temas no formato de formação continuada.

Pesquisas que estudam os efeitos de diferentes formatos de transmissão da informação sobre questões relacionadas à sexualidade mostram que podem ocorrer mudanças nas atitudes, no conhecimento e no comportamento dos participantes (CAMARGO; BARBARÁ, 2004). Por outro lado, no processo de formação, nota-se que profissionais formados por meio de métodos ativos de aprendizagem demonstram maior capacidade afetiva, de comunicação, organizacional e técnica (FRANCISCHETTI et al, 2011). O *role playing* é uma técnica de ensino que compreende o aprender em ação, em que os participantes são envolvidos numa situação-problema, prevendo consequências, tomando decisões e treinando comportamentos coerentes com a análise efetuada (NESTEL; TIERNEY, 2007).

Segundo Schön (2000), toda vivência que promove a confrontação com situações o mais próximas possível das reais, exerce impacto sobre o conhecimento, pois favorece reflexão anterior à ação. Diante disso, o uso da técnica de *role playing* em programas de ensino sobre sexualidade permite que seus participantes reflitam sobre o que pensam e sentem sobre o tema, sobre as normas sociais relacionadas, sobre o modo como geralmente agem diante da temática e vislumbrem as consequências de seu comportamento.

5. Considerações finais

O Programa de Ensino “Respondo o quê?” se mostrou efetivo para produção das mudanças esperadas, produzindo aumento da capacidade e conforto por parte dos professores, para lidar com situações e perguntas envolvendo a sexualidade, frente a situações relativas a essa temática no espaço escolar. Segundo Gislayne Carvalho (2015), a programação de ensino auxilia na preparação de professores e aumenta a probabilidade de que eles se comportem de maneira eficaz, no contexto de ensino, o que pode produzir alunos mais bem preparados para situações-problema em seu cotidiano.

Considera-se que o programa avaliado no presente estudo, testado com uma amostra maior do que das pesquisas revisadas (CISOTTO, 2010; MOIZES, 2010; SEVERO, 2011; TADIELO, 2013) foi efetivo, provavelmente,

em função do rigor na descrição dos procedimentos a serem empregados pelos facilitadores, o que pode ter reduzido variações na condução dos grupos e levado ao resultado obtido. Efetividade é o resultado da interação da intervenção com o ambiente em que ele está sendo aplicado (NASH; McCRORY; NICHOLSON; ANDRASIK, 2005). Uma vez que o programa, por meio *role playing*, visou à adaptação da intervenção ao *setting* natural, considera-se que o critério *validade externa* foi atendido.

A mensuração dos resultados de forma indireta, por meio da autoavaliação dos participantes, pode ser considerada uma limitação deste estudo. Esse problema pode ser minimizado em pesquisas futuras, por meio do emprego do método observacional. Outra limitação relacionada se refere à identificação apenas dos efeitos de curto prazo. Pesquisas que incluíssem medidas de acompanhamento (*follow up*) poderiam fornecer dados sobre a permanência dos efeitos ao longo do tempo.

O Programa de Ensino “Respondo o quê?” pode ser considerado um modelo alternativo de formação continuada para professores. Recomenda-se a realização de outros estudos que verifiquem os efeitos desse formato, com acadêmicos de cursos de licenciatura, adaptando-o para a formação inicial de professores. Outra indicação para pesquisas posteriores se refere à elaboração de cartilhas, apostilas e outros materiais impressos para professores sobre o tema, conforme indicado pelos participantes da pesquisa como sugestão no instrumento de avaliação. Outra possibilidade diz respeito a cursos a distância sobre sexualidade, que poderiam ser ofertados para professores que buscam obter mais conteúdo nessa temática.

Finalmente, estimular a reflexão sobre a complexidade da sexualidade, a importância da educação sexual para o pleno desenvolvimento dos indivíduos, por meio da programação de ensino e da técnica de *role playing*, são variáveis relevantes a serem consideradas em programas que visem ao aprimoramento do saber e agir docente nessa área. Investigações, como a aqui relatada, contribuem à área de ensino, pois fomentam a discussão teoria-técnica e produzem conhecimento útil ao atendimento adequado das demandas dos professores, o que repercute em sala de aula, um dos espaços onde a Educação Sexual acontece.

Referências bibliográficas

- ALVAREZ, M.J.; PINTO, A.M. Educação sexual: atitudes, conhecimentos, conforto e disponibilidade para ensinar de professores portugueses. *Aletheia*, n.38-39, p.8-24, dez. 2012. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n38-39/n38-39a02.pdf>>. Acesso em: 01 dez. 2017.
- ARRETCHE, M.T.S. Tendências no estudo sobre avaliação. In: RICO, E. M. (Org). *Avaliação de políticas sociais: uma questão em debate*. 3ªed. São Paulo: Cortez, 2001. p.1-10.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 225 p. 1977.
- BELO, M. S. P. *Educação sexual em meio escolar: perspectivas dos professores*. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6931/1/ulfpie040155_tm.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2017.
- BRASIL. *Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais*. Livro de conteúdo, versão 2009. Rio de Janeiro; Brasília: CEPESC; SPM, 2009. Disponível em: <http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/genero_diversidade_escola_2009.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2018.
- CAMARGO, B. V.; BARBARÁ, A. Efeitos de panfletos informativos sobre a AIDS em adolescentes. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 20, n. 3, p.279-287, set-dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722004000300010&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 04 dez. 2017.
- CARVALHO, G. S. *“Estabelecer objetivos de ensino”*: um programa de ensino para capacitar futuros professores. 2015.. Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) - Universidade Estadual de Londrina, UEL, Londrina, 2015. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/pgac/wp-content/uploads/2015/12/%E2%80%9CEstabelecer-objetivos-de-ensino%E2%80%9D-um-programa-de-ensino-para-capacitar-futuros-professores.pdf>>. Acesso em: 03.11.2017.
- CERDEIRA, A. I. F. *Avaliação de programas: Avaliação da efectividade do projecto de educação sexual no desenvolvimento de conhecimentos e competências envolvidos na vivência da sexualidade*. 2013. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia). Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/9811>>. Acesso em: 25 set.2016.
- CISOTTO, L. *A formação docente continuada sobre a educação para a sexualidade, em uma escola pública no município de Diadema: a ótica de professores participantes e gestora*. 2010. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/9542#preview-link0>>. Acesso em: 17 ago. 2016.

CORTEGOSO, A. L.; COSER, D. S. *Elaboração de programas de ensino*. Material autoinstrutivo. São Carlos: EdUFSCar, 2016.

DREYER, L. *Dificuldades de professores do ensino público na implementação de ações de educação sexual com crianças*. 2014. Monografia (Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná Unioeste, Foz do Iguaçu, 2014.

EYBERG, S. Consumer satisfaction measures for assessing parent training programs. In: Vandecreek, L.; Knapp, S.; Jackson, T.L. (Eds). *Innovations in clinical practice: A source book* (v.12). Sarasota, FL: Professional Resource Press, 1993. p.377-382.

FRANCISCHETTI, I et al. *Role-playing*: estratégia inovadora na capacitação docente para o processo tutorial. *Interface*, v. 15, n. 39, p.1207-1218, out-dez. 2011. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832011000400019>. Acesso em: 07 dez. 2017.

GAGLIOTTO, G. M. *A educação sexual na escola e a pedagogia da infância*: matrizes institucionais, disposições culturais, potencialidade e perspectivas emancipatórias. 2009. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009. Disponível em:

<http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1463_1531_GagliottoGiseliMonteiro.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2016.

GROFF, A. M. *Transição entre a infância e a adolescência*: concepções de alunos, professores e pais sobre sexo e sexualidade. 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2015.

Disponível em:

<http://www.ppge.ufpr.br/teses%20d2015/d2015_Alcione%20Maria%20Groff.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2016.

MAISTRO, V. I. A. *Projetos de orientação sexual na escola*: seus limites e suas possibilidades. 2006. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006.

Disponível em:

<<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000115892>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

MANTOVANI, G. et al. Comparação de dúvidas sobre sexualidade entre crianças e adolescentes. *Contexto e educação*, ano 29, n. 92, p.72-90, jan-abr, 2014.

MENEGHETTI, V. et al. As ações e dificuldades relatadas por professores do ensino fundamental na implementação da educação sexual. *Revista Educação Online*, n.18, p.117-130, maio de 2015. Disponível em:

<http://educacaoonline.edu.puc-rio.br/index.php/eduonline/article/view/161>. Acesso em: 24 mar. 2018.

MOIZES, J. S. *Educação sexual, corpo e sexualidade na visão de alunos e professores do ensino fundamental*. 2010. Tese (Doutorado em Enfermagem Psiquiátrica) - Universidade de São Paulo, USP, Ribeirão Preto, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22131/tde-03082010-160112/pt-br.php>>. Acesso em: 04 out. 2016.

- NASH, J. M.; McCRORY, D.; NICHOLSON, R.; ANDRASIK, F. Efficacy and effectiveness approaches in behavioral treatment trials. *Headache*, n. 45, p. 507-512, 2005. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1526-4610.2005.05102.x>>. Acesso em: 04 abr.2018.
- NELSON, G.; WESTHES, A.; MACLEOD, J. A meta-analysis of longitudinal research on preschool prevention programs for children. *Prevention & Treatment*, v.6, n.1, p.1-34. 2013. Disponível em: <<http://journals.apa.org/prevention/volume6/pre0060031a.html>>. Acesso em: 09 abr. 2016.
- NESTEL, D.; TIERNEY, T. Role-play for medical students learning about communication: guidelines for maximising benefits. *BMC Med. Educ.*, v.7, n. 3, p. 1-9, mar. 2007. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17335561>>. Acesso em: 07 dez. 2017.
- OLIVEIRA, S. G. M. *Formação inicial docente para a educação sexual: revelando realidades de licenciaturas em ciências biológicas*. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação para Ciência) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Unesp, Bauru, 2016. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/138203/oliveira_sgm_me_bauru.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em: 25 nov. 2016.
- ORIANI, V. P. *Relações de gênero e sexualidade na educação infantil: interfaces que envolvem as práticas pedagógicas*. 2015. Tese (Doutorado) – Unesp, Marília, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/128106>>. Acesso em: 03 mar. 2017.
- PAES, D. C.; FAVORITO, A. P.; GONÇALVES, R. C. Educação sexual nas séries iniciais do ensino fundamental: o que educadoras da rede municipal de ensino de Pires do Rio (Goiás) têm a dizer?. *Multi-Science Journal*, v.1, n.3, p.69-78, 2015. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/35962335-Educacao-sexual-nas-series-iniciais-do-ensino-fundamental-o-que-educadoras-da-rede-municipal-de-ensino-de-pires-do-rio-goias-tem-a-dizer.html>>. Acesso em: 06 jun. 2017.
- PANTOJA, F. C. *A educação sexual no Amapá: experiências e desafios docentes*. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/13674/1/EducacaoSexualAmapa.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.
- PAZ, C. D. A. *“Eu tenho esse preconceito, mas eu sempre procurei respeitar os meus alunos”*: desafios da formação continuada em gênero e sexualidade. 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Brasília, UNB, Brasília, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/17259>>. Acesso em: 14 dez. 2016.
- PEREIRA, Z. M. *Sexualidade e gênero na pesquisa e na prática de ensino em biociências e saúde*. 2014. Tese (Doutorado em Ensino em Biociências e Saúde) - Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/13823>>. Acesso em: 26 nov. 2016.

- QUIRINO, M. J. da S. O. *O roleplaying game (RPG) como estratégia didática lúdica: a qualidade do ensino de ciências*. 2013. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) - IFPR, Nilópolis, 2013. Disponível em: <http://www.ifrn.edu.br/webfm_send/6903>. Acesso em: 07 dez. 2017.
- RABELO, L.; GARCIA, V. L. *Role-play para o desenvolvimento de habilidades de comunicação e relacionais*. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v.39, n.4, p.586-596, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbem/v39n4/1981-5271-rbem-39-4-0586>>. Acesso em: 10 nov. 2017.
- SANTOS, R. C. F. *Violência sexual e a formação de educadores: uma proposta de intervenção*. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Unesp, Presidente Prudente, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/92264>>. Acesso em: 28 nov. 2016.
- SCHON, D. A. *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- SEVERO, R. A. O. *Gênero e sexualidade: o itinerário de um grupo de discussão como possibilidade formativa*. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/13917/1/Rafael%20Adriano.pdf>>. Acesso em: 29 nov. 2016.
- SILVA, S. M. P. *Decifra-me! Não me devore! Gênero e sexualidade nas tramas das lembranças e nas práticas escolares*. 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-15022016-091113/pt-br.php>>. Acesso em: 30 nov. 2016.
- SILVEIRA, J. M. *Manifestações da sexualidade da criança na educação infantil: estranhamentos e desafios*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - PUC-Goiás, Goiânia, 2010. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PGOI_d4c3a2ccc7e54431544632db003efbbb>. Acesso em: 28 nov. 2016.
- SOUZA, V. B.; ORTI, N. P.; BOLSONI-SILVA, A. T. *Role-playing como estratégia facilitadora da análise funcional em contexto clínico*. *Rev. Bras. Ter. Comport. Cogn.*, v. 14, n. 3, São Paulo, dez. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452012000300006>. Acesso em: 29 nov. 17.
- TADIELO, F. N. M. *Oficinas como dispositivo na formação de professores: produção discursiva sobre sexualidade*. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, 2013. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/tede//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5419>. Acesso em: 27 nov. 2016.
- THOMAS, C.A. *Can it be done for less: a model for effective applied behavior analysis training in school districts*. *The Journal of Early and Intensive Behavioral Intervention*, n.2, p. 99-102. 2005. Disponível em: <<http://psycnet.apa.org/fulltext/2014-52007-004.html>>. Acesso em: 10 out. 2017.

TUCKMANTEL, M. M. *A educação sexual, mas qual?: diretrizes para a formação de professores em uma perspectiva emancipatória*. 2009. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000449683>>. Acesso em: 14 nov. 2016.